



01# jordi burch
// artistas convidados no mnaa

"Eu vi modernistas no museu nacional de arte antiga."

Nascido em Barcelona em 1979, Jordi Burch foi para Lisboa ainda bebé. Hoje vive em São Paulo, Brasil. Membro do coletivo de fotografia [Kameraphoto] desde 2007. Estudou fotografia no Ar.Co Centro de Arte e Comunicação Visual. Tem trabalhos publicados nas revistas: Grande Reportagem, National Geographic, Playboy, Expresso, revista Pública, Egoísta, Trip, Serafina (folha de São Paulo), Courier International, Santa Art Magazine, Financial Times Weekend Magazine, Le Monde. A partir de 2008 dedica-se de forma intensa ao seu trabalho autoral. Destacando: "Se não me engano, faz Angola" Plataforma Revólver, Lisboa (2014); "O Rosto da Paisagem" Museu AfroBrasil, São Paulo, juntamente com o escritor Ondjaki (2013); "Sacrifício" Encontros da Imagem, Braga (2012); "Hospital" coletiva no Hospital Miguel Bombarda, Lisboa (2012); "Um Diário da República", Fundação EDP no Porto e PhotoEspaña Cuenca (2011); "Processo" exposição individual K Galeria, Lisboa (2011); "O Rosto da Paisagem" individual com textos do escritor angolano Ondjaki no Centro Cultural de Luanda (2010); "A State of Affairs" coletiva na galeria Plataforma Revólver em Lisboa (2009); "Amor Cachorro" individual na Galeria Nara Roesler, São Paulo (2008); "Estamos Juntos" individual na Casa Fernando Pessoa, Lisboa (2007), entre outras. Em 2012 fez parte da residência artística Triangle Network/Xerem.



02# augusto brázio
// templo das musas

"Um privilégio estar uma semana na casa que guarda sonhos, pensamentos, histórias..."

Augusto Brázio nasceu em 1964 em Brinches, concelho de Serpa e vive e trabalha em Lisboa. Em meados dos anos 80 vai para Lisboa estudar Design Industrial na Escola Superior de Belas Artes de Lisboa. Em 1990 começa a sua atividade de fotógrafo, trabalhando regularmente com a imprensa nacional e internacional onde assinou diversos portefólios; nomeadamente na revista K e como fotógrafo principal do suplemento, do Diário de Notícias, DNA. Tem apresentado o seu trabalho com regularidade, tanto a título individual como coletivo, tendo igualmente vários livros publicados e está representado em várias coleções nacionais, tais como BES, centro de Artes Visuais, Fundação EDP e PLMJ. Pertence ao coletivo de fotógrafos [Kameraphoto] desde 2004 e em 2008 ganhou o 1º prémio de fotojornalismo Visão / BES. Neste momento, paralelamente a outros projetos, está a participar no projeto Um Diário da República que teve início em 2010 e vai até 2020.



03# pauliana valente pimentel
// dedicado

"As histórias contadas por detrás das pinturas e estátuas... poder estar com os seres de pedra guardados... que em silêncio falaram..." Natural de Lisboa, onde vive e trabalha. Fez o curso de Fotojornalismo no Cenjor e frequentou workshops de fotografia com Amy Arbus, Bob Sacha, Alex Majoli, Eric Lessing, David Alan Harvey e Andrea Pistoletti, tendo trabalhado como assistente destes dois últimos. Como fotógrafa freelancer faz trabalhos de fotorreportagem para diversas revistas estrangeiras e portuguesas, bem como, exposições coletivas e individuais. Para além do coletivo [Kameraphoto] pertence também ao grupo de fotógrafos artísticos "Doze".



04# nelson d'aires
// descobrir

"Embarquei no MNAa como se este fosse uma barca, caravela e nau que regressa dos descobrimentos com enigmas para a humanidade decifrar." Nasceu em Vila do Conde mas vive e trabalha no Porto. Tem formação na área da construção civil, mas abandonou a atividade no final de 2005 para se estabelecer como fotógrafo independente. Desde 2006 dedica-se à fotografia documental, cumprindo assim o desejo de se dedicar a tempo inteiro à pesquisa e ao desenvolvimento da fotografia que aprendeu como autodidata. Colaborou com o Jornal i, Egoísta, Única, Der Spiegel, Stern, Le Monde e a Folha de São Paulo. É desde 2007 membro do coletivo [Kameraphoto].



05# valter vinagre
// clausura

"Redescoberta e experimentação. Reencontro!"

Nascido em Avelãs de Caminho, no concelho de Anadia, estudou fotografia no AR.CO - Centro de Arte e Comunicação Visual, em Lisboa. Iniciou o seu percurso na fotografia em finais dos anos oitenta, realizando exposições individuais e participando em mostras e iniciativas de cariz coletivo. Do seu percurso salientam-se exposições não só por todo Portugal mas também pela Eslováquia, Espanha e Brasil.



06# céu guarda
// os observadores

"Desejo, mistério e sofrimento"

Nasceu em Mora, Alentejo mas vive e trabalha em Lisboa. Estudou fotografia/pintura no Ar.Co e na ESBAL. Trabalhou como fotógrafa no jornal LP e O Independente e foi editora de fotografia na Oficina Criativa, A Capital e o Jornal i. Em regime freelancer colaborou com publicações como Notícias Magazine, Notícias Sábado, Egoísta, Pais e Filhos, The Guardian, L'Express Mag, Der Spiegel, Le Monde 2 e Liberation. Ajudou a fundar a [Kameraphoto] e a K Galeria; os seus projetos pessoais estão representados em várias coleções públicas e privadas.



07 # alexandre almeida
// tagged

"A história repete-se..."

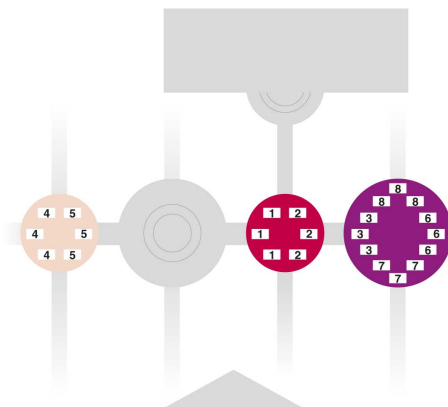
Alexandre Almeida nasceu em Lisboa em 1969. Estudou fotografia na Academia de Artes & Tecnologias e Pós-Produção de Vídeo na Restart. Em 1994 começou a trabalhar no O Independente, onde esteve até 2004 e tendo nos últimos anos editado os suplementos de cultura e lazer. Simultaneamente foi desenvolvendo vários trabalhos como freelancer regime que mantém até aos dias de hoje. Tem editado em diversas publicações nacionais e estrangeiras: L'Express, Libération, The Guardian, Courier International, Grande Reportagem, Up, Visão, Única e Pública. O seu trabalho tem enveredado por um caminho de carácter documental e tem experimentado meios multimédia alternativos. Paralelamente foi desenvolvendo atividade na área da formação. Tendo sido coordenador e formador em duas Master Class - para o Festival Entre Margens e, simultaneamente, colaborado com o IPF na área da formação. Tem exposto em mostras individuais e coletivas, nomeadamente fazendo parte de diversos projetos da [Kameraphoto], da qual foi membro fundador. Destes destacam-se "State of Affairs" e "Um Diário da República". Mais recentemente passou a integrar o grupo de fotógrafos representados pela Dear Sir - Agência de Fotografia de Autor.



08# guillaume pizat
// JEFF

"Estive com o JEFF no mnaa"

Nasceu em França, onde vive presentemente. É licenciado em Engenharia Industrial pela Universidade de Estrasburgo e tem mestrado em Cinema Digital pela Trazos School of Arts, em Madrid. Na edição de 2005 dos grandes prémios do fotojornalismo português venceu o primeiro prémio BES/Visão Fotojornalismo, na categoria reportagem. Atualmente trabalha como fotógrafo para vários jornais e revistas europeias e simultaneamente desenvolve projetos na área da vídeo arte e da realização cinematográfica. Foi um dos cofundadores do coletivo [Kameraphoto].



mnaa _ olhares contemporâneos
RESIDÊNCIA FUNDAÇÃO EDP NO MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA

[kameraphoto]
no mnaa
curadoria // jean-françois chougnat

17 maio > 28 setembro

[PT]

um coletivo no museu

jean-françois chougnnet

Nos últimos trinta anos, vários fotógrafos por todo o mundo têm optado por se unir em coletivos para partilhar forças de trabalho, de produção e de difusão. O trabalho de fotógrafo freelancer sempre foi difícil para autores que desejam viver das suas criações. Ao juntarem o seu talento coletivamente, esses fotógrafos tentam, entre outras coisas, proteger o seu status e os seus direitos autorais. Enquanto coletivo, os fotógrafos ganham uma certa liberdade que a atual situação económica da imprensa e do fotojornalismo não permite. O modelo de coletivo inicia-se com a Magnum, cooperativa de fotógrafos, que surgiu em Paris a 1947, liderada pelo fotógrafo Robert Capa. Para além de Capa, participaram também na Agência Magnum nomes como David Seymour, ou Henri Cartier Bresson. A Magnum surgiu e mantém-se como uma agência em forma de cooperativa onde os fotógrafos são sócios. A partir desta experiência, diversas agências por todo o mundo foram surgindo, como as agências Gamma (criada em 1966 e vendida no final da década de 80) e Viva (1972-1986) em França, ou a Agência F4, fundada no final dos anos 70 em São Paulo e em seguida no Rio de Janeiro e encerrada a 1991. A partir dos anos 90, este modelo de agências, baseado no recurso das vendas aos órgãos da comunicação social entra em crise e aparece o "coletivo", onde a coesão artística substitui o conceito de cooperativa económica e jurídica. Esta situação reflete-se também na instalação progressiva da fotografia no campo da arte contemporânea. Em França, o país de origem do conceito de coletivo em fotografia, um dos grupos mais ativos é o "Tendance Floue", criado em 1991 e composto por treze fotógrafos, que trabalha retratos e paisagens chamados tópicos "íntimos", bem como temas da atualidade. Exposições, muitas vezes seguidas de catálogos e várias publicações na imprensa, fazem assim viver o coletivo. Outros grupos, como o "Collectif 6 bis", formado por artistas internacionais, optam por utilizar no seu trabalho outros meios, como o vídeo, por exemplo. França conta também com o "Collectif Item", um espaço de trabalho coletivo que proporciona o tempo e os recursos necessários para construir temas originais pensados como narrativas fotográficas completas. Por sua vez, o coletivo de Nantes chamado "Ícone verde" convida outros fotógrafos ou grupos de fotógrafos interessados nos "micro eventos" a criar um banco de imagens na web. Todavia, nem todos os grupos têm uma grande longevidade. O coletivo "l'œil public" é exemplo disso pois recentemente deixou de existir, como pode ser lido no seu website "fim da história", uma história que ainda durou 15 anos.

Em Portugal, a existência destes coletivos está pouco presente na história da fotografia, no entanto a [kameraphoto] é uma exceção. Este coletivo de fotógrafos foi fundado em Janeiro de 2003 e agrega diferentes olhares da fotografia contemporânea portuguesa. O coletivo, comprometido com a criação e realização de projetos coletivos, conta com produções individuais. Enquanto estrutura a [kameraphoto] empenha-se fundamentalmente em abrir um espaço crítico sobre a fotografia: a fotografia é sempre, ao mesmo tempo, documento e estética. O coletivo [kameraphoto] está habituado a desafios incomuns e projetos atípicos, como A State of Affairs (projeto apresentado em 2009 na Plataforma Revólver em Lisboa), onde 13 fotógrafos acompanharam a agenda diária de 13 redações por todo o mundo, durante uma semana, ou Diário da República que tenta dar memória visual a uma década de profundas mudanças através de dez livros publicados ao longo de 2013.

O Museu Nacional de Arte Antiga (MNA) recebe entre 17 de Maio a 28 de Setembro de 2014 a exposição Olhares Contemporâneos, fruto da terceira edição da Residência Fundação EDP, que teve o próprio MNA como local de trabalho. A residência de sete dias permitiu que os fotógrafos tivessem um acesso exclusivo a todos os espaços do Museu e acervo incluindo as suas dinâmicas logísticas - da manutenção à segurança, bem como um contacto privilegiado com os conservadores, técnicos e visitantes. As imagens que daí resultaram estão expostas no jardim do MNA.

A fotografia feita nos museus - onde o museu é igualmente sujeito - é, desde os anos 80, um género em si. Basta recordar as séries de Candida

Höfer (exibidas em Portugal a 2006) ou as "Museum Photographs", feitas pelo artista alemão Thomas Struth, que mostram espectadores de reconhecidos museus a olhar para as pinturas expostas. A série de Thomas Struth levanta em particular muitas questões sobre o papel do espectador e sobre a nossa relação com a história da arte.

Esta exposição recupera esse espírito, mas concretiza-se numa iniciativa original. Olhares Contemporâneos resulta da liberdade de circulação concedida pela direção do MNA aos artistas, fruto de uma generosidade excepcional: convocar olhares, por detrás de câmaras - subjetivos, descomprometidos. A residência no MNA contou com oito dos seus membros - Alexandre Almeida, Augusto Brázio, Céu Guarda, Guillaume Pázat, Jordi Burch, Nelson d'Aires, Pauliana Valente Pimentel, Valter Vinagre.

Jean-François Chougnnet
Curador



como num barco de piratas

josé manuel dos santos

O tempo passa - passa por nós e nós por ele. Sem quase darmos por isso, já estamos na terceira edição destes "Olhares Contemporâneos - Residência da Fundação EDP no Museu Nacional de Arte Antiga". O tempo passa e é essa passagem que os museus nos dão. O tempo passa e a fotografia assalta a sua passagem, como um ladrão assalta uma carruagem que atravessa um écran do cinema. A fotografia faz durar o instante, mas a imagem em que o faz durar é feita do tempo do tempo, confirmando aquilo que quer negar. Aquilo com que ela quer contrariar o tempo torna-se tempo. Produzida, como as anteriores, pela DuplaCena, a residência artística deste ano é comissariada por Jean-François Chougnnet, que tem, sobre nós, um olhar que se distancia e se aproxima como o da objetiva de uma máquina fotográfica. Francês e europeu, ele viveu e trabalhou em Portugal. Agora regressou a França. Mas está lá e está cá. É por isso que eu, às vezes, o encontro no Chiado a olhar com o seu olhar sorrateiramente atento, que os óculos desenham na intensidade de dois círculos. Já repararam? O Jean-François conta sempre o que nós gostamos de o ouvir contar. Ao comissariar esta residência, ele escolheu os [kameraphoto] e ninguém dúvida de que é uma escolha de quem sabe o que faz. Além do mais, a Fundação EDP tem realizado com este coletivo de fotógrafos vários projetos, que deram origem a várias exposições nos seus espaços de Lisboa e do Porto. Por isso, a escolha de Chougnnet é como se fosse a nossa escolha.

Quero reafirmar o gosto que temos em participar nesta iniciativa com o Museu Nacional de Arte Antiga. Tudo neste museu tem uma fotografia à sua espera. Esta reportagem artística é paradoxal (o antigo torna-se contemporâneo e o contemporâneo começa logo a tornar-se antigo) e esse paradoxo é o seu maior fulgor.

Aqui, os fotógrafos são uma espécie de visitantes ao contrário: eles são visitados por aquilo que visitam. É por isso que em cada ano, em cada edição destes "Olhares Contemporâneos", o que vemos são as imagens dessa visita, em que, de novo, Maria e Isabel se olham com olhos que o tempo guardará como uma notícia, um tesouro, um cântico e, oxalá, um Magnificat. As fotografias desta edição são um jogo no qual, lacanamente, as cartas do real, do imaginário e do simbólico se trocam nas mãos que as lançam e recolhem. A inteligência destas imagens é a de saberem dizer um segredo que só se ouve quando se cala. Olhar estas fotografias que celebram a celebração num jardim que dá para o rio como um barco de piratas dá para o mar é privilégio e prazer. A Fundação EDP tem, neste projeto, a continuação da sua atividade de apoio à criação contemporânea, de que a fotografia é um domínio fundamental. No Museu Nacional de Arte Antiga, estamos numa casa que se nos torna comum.

Felicitos os fotógrafos representados, o comissário e os produtores. Agradeço à equipa do MNA o entusiasmo e o empenhamento. Este projeto faz-se disso tudo. Saúdo o público que, com o seu interesse, tornou já este projeto uma necessidade e um hábito.

O tempo passa por nós e nós passamos com ele. Estas imagens são do tempo o seu rosto impossível.

um programa que se consolida

antónio filipe pimentel

Na sua terceira edição, a exposição "MNA - Olhares Contemporâneos, Residência da Fundação EDP no Museu Nacional de Arte Antiga", assinalando, como em cada ano, a Noite dos Museus e ocupando, uma vez mais, um espaço que é já seu (o magnífico jardim, suspenso sobre o Tejo, na Primavera que começa, e no Verão, cujo ciclo acompanha), constitui, como era ambição inicial, um programa estabilizado, não apenas na oferta cultural do Museu, mas na agenda de Lisboa e do País. Esse foi, aliás, o espírito original da própria parceria institucional que a materializou.

O Museu demonstra-se - e importa que demonstre - por seu intermédio, na inesgotável polissémia que lhe é essencial (enquanto espaço, acervo, vivência) e tal presidiu, na origem, à criação deste programa. O carácter monográfico que resulta da "residência fotográfica" em que assenta e a pluralidade de olhares que, ano a ano, se adicionam, entre o conjunto dos fotógrafos e a orientação que conduz a sucessão, igualmente renovada, de curadorias (Maria do Mar Fazenda e Filipa Valadares, em 2012; Delfim Sardo, em 2013; Jean-François Chougnnet, em 2014), construíram já um património cujo valor confirma a crescente projeção alcançada pelos sucessivos protagonistas do programa: por essa via confirmando a bondade de uma aliança virtuosa com a Fundação EDP e o seu próprio projeto de apoio aos jovens criadores, onde tem desempenhado um papel estratégico, amplamente reconhecido a nível nacional e internacional.

A curadoria de Jean-François Chougnnet e a sua escolha, para esta edição, do coletivo de fotógrafos [kameraphoto] reunido num projeto de fotojornalismo, atesta a um tempo as possibilidades de renovação do programa (que as anteriores edições tinham já ilustrado) e as suas potencialidades de internacionalização e de geração de relações dinâmicas com os públicos, a um tempo destinatários e agentes da própria criação, num espectro que, longe de esgotar-se, afunilando num conceito estático, mais e mais se abre, ano após ano, no próprio único escopo do binómio essencial sobre que assenta: o MNA, nas suas inesgotáveis potencialidades de fruição, os olhares contemporâneos a que se destina, por natureza, entre o esplendor das coleções e a própria e permanente revisitação das mesmas que é a base do trabalho do Museu. Como elo comum às sucessivas edições, a produção da DuplaCena constitui também ela garantia tranquila, no valor desta chancela já consolidada: "MNA - Olhares Contemporâneos. Residência da Fundação EDP no Museu Nacional de Arte Antiga", ocupando o jardim nos dias benévolos da Primavera-Verão.

António Filipe Pimentel
Diretor do Museu Nacional de Arte Antiga

José Manuel dos Santos
Diretor Cultural da Fundação EDP

